

# As flores da realeza

TEXTO ANA LUÍSA VIEIRA

Batizadas em homenagem a rainhas, príncipes e princesas, rosas, clemátis e até a brasileiríssima vitória-régia são nobres inclusive no nome

**É** fato que toda planta tem sua aura de nobreza. Há um grupo seletivo, porém, que carrega o *status* da soberania no nome: são plantas batizadas em homenagem a rainhas, princesas, príncipes e outros membros da realeza mundo afora. Algumas foram desenvolvidas especialmente para prestar tributo a suas altezas; outras nasceram plebeias e tiveram o privilégio de receber títulos nobres ao longo da vida. É o caso, por exemplo, da vitória-régia (*Victoria amazonica*) – cujas alcunhas popular e científica foram inspiradas na rainha Vitória, que governou a Grã-Bretanha de 1837 a 1901.

Como a monarca subiu ao poder no ano em que a planta foi descoberta, o botânico inglês John Lindley, que descreveu a vitória-régia pela primeira vez, achou por bem carimbar com o símbolo da coroa inglesa uma espécie tipicamente amazônica – a vitória-régia é nativa da região que se estende do Norte do Brasil até as Guianas.

No fim das contas, o nome foi o de menos para que a espécie se estabelecesse no trono de soberana entre as aquáticas: imponente por Natureza, ela esbanja beleza ao flutuar sobre lagos e rios na forma de folhas circulares que atingem até 1,5 m de diâmetro.



Típica dos igarapés e igapós da região amazônica, a vitória-régia foi batizada em homenagem à rainha Vitória, que governou a Grã-Bretanha entre 1837 e 1901





## FLORES PARA RAINHAS

Antes da rainha Vitória, sua avó, Carlota de Mecklemburgo-Strelitz, já havia recebido homenagem semelhante. O nome botânico da estrelitzia (*Strelitzia reginae*) – espécie originária da África do Sul que une folhas laminares e flores vistosas em tons de azul e amarelo-alaranjado – é uma junção do sobrenome da monarca ao termo *reginae* – que significa “da rainha”, em latim.

O tributo se deu porque Carlota, soberana da Grã-Bretanha de 1761 a 1818 e entusiasta confessa do universo botânico, colaborou com as expedições que levaram espécies de vários países a Kew Gardens, um dos maiores e mais antigos complexos de jardins do mundo – e primeira parada da estrelitzia fora de casa antes de se tornar uma das espécies mais cultivadas nos trópicos.

Seguindo a tradição da família, a rainha Elizabeth, que governa o Reino Unido desde 1952, empresta sua graça a uma nobre rosa de perfume leve. A rainha-Elizabeth (*Rosa* 'Queen of England') tem pétalas rosa-alaranjadas e foi especialmente desenvolvida em honra da monarca em 1954, como comemoração à sua ascensão ao trono. A espécie já foi premiada pela All-America Rose Selections – tradicional sociedade norte-americana que avalia resistência, durabilidade e beleza de plantas do gênero – e entrou para o *Hall* da Fama das Rosas – sim, ele existe e inclui os exemplares favoritos de organizações de apaixonados por rosas de vários países.

Embora eles sejam maioria, nem só de nobres ingleses se faz a história das homenagens botânicas à realeza. A rainha Fabíola, da Bélgica, também tem uma xará em forma de planta. É a triteleia-rainha-fabíola (*Triteleia laxa* 'Queen Fabiola') – espécie bulbosa que, no fim da primavera, dá origem a flores roxas cujo formato lembra o de uma estrela de seis pontas.

Os nomes rosa-rainha-Elizabeth e triteleia-rainha-fabíola são homenagens botânicas feitas por ocasião da subida das monarcas inglesa e belga ao poder





*A rainha Carlota –  
que era fã de botânica  
e ajudou na expansão  
de Kew Gardens –  
inspirou o batismo  
da exótica estrelítzia*







A rosa desenvolvida como um tributo a Lady Di tem pétalas que misturam tons de branco e rosa



Fotos: Shutterstock

## ENTRE PRÍNCIPES E PRINCESAS

Como não poderia ser diferente, a mais famosa entre as princesas, Diana Spencer, do Reino Unido, inspirou o nome de várias plantas – especialmente depois de sua morte prematura, aos 36 anos de idade. Entre os primeiros tributos, destaca-se uma perfumada rosa de nome Diana, Princesa de Gales (*Rosa* 'Diana, Princess of Wales'). A variedade foi desenvolvida nos Estados Unidos em 1997 e tem como grande diferencial as pétalas brancas com bordas em tons rosados, que vão do claro ao magenta gradualmente.

O nome da princesa também foi emprestado a uma clemátis (*Clematis* *texensis* 'Princess Diana') que, embora não seja perfumada como a rosa, esbanja vistosidade graças às flores de cor magenta vibrante. Diferentemente da maioria dos cultivares do gênero – cujas pétalas se dispõem de forma estrelada –, essa variedade conta com flores de formato campanulado, semelhante ao das tulipas.

Antes de Diana, o príncipe Charles, que foi casado com ela por 11 anos, já ganhara sua

Princesa Diana e príncipe Charles receberam homenagens em forma de clemátis – ele inspirou o nome do cultivar roxo (no topo) e ela, do magenta

homenagem em forma de clemátis: a *Clematis* 'Prince Charles'. As flores do cultivar – introduzido nos jardins ingleses em 1986 – seguem o padrão do gênero e reúnem seis pétalas distribuídas em forma de estrela. Seu charme é que vão do roxo-claro ao azul-malva de acordo com a luz.